



Universidades Lusíada

Silva, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da, 1958-

O conflito do Extremo Oriente (1904-1905) : as observações da "Revista militar" sobre as operações terrestres (I)

<http://hdl.handle.net/11067/1123>

Metadados

| | |
|---------------------------|---|
| Data de Publicação | 2014-09-15 |
| Resumo | O confronto entre a Rússia e o Japão (1904-1905) foi um marco importante nas transformações operadas na arte da guerra, nos primórdios do século XX. As inovações científicas da Época Vitoriana tardia foram testadas de forma decisiva no campo de batalha. O interesse suscitado na opinião pública ultrapassou os círculos militares, influenciando os cidadãos das sociedades ocidentais e os respectivos decisores políticos. A imprensa teve um papel importante noticiando os acontecimentos e viabilizando ... |
| Palavras Chave | Guerra Russo-Japonesa, 1904-1905, Ciência militar - Portugal - Periódicos |
| Tipo | article |
| Revisão de Pares | Não |
| Coleções | [ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 09-10 (2013) |

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T00:12:10Z com informação proveniente do Repositório



**O CONFLITO DO EXTREMO ORIENTE (1904-1905): AS
OBSERVAÇÕES DA *REVISTA MILITAR* SOBRE AS
OPERAÇÕES TERRESTRES - I ***

Júlio Joaquim Rodrigues da Silva

juliorodsilva@gmail.com

* O presente artigo é a primeira parte de um trabalho mais vasto sobre a percepção pela Revista Militar das operações terrestres na Guerra Russo-Japonesa.





Resumo

O confronto entre a Rússia e o Japão (1904-1905) foi um marco importante nas transformações operadas na arte da guerra, nos primórdios do século XX. As inovações científicas da Época Vitoriana tardia foram testadas de forma decisiva no campo de batalha. O interesse suscitado na opinião pública ultrapassou os círculos militares, influenciando os cidadãos das sociedades ocidentais e os respectivos decisores políticos. A imprensa teve um papel importante noticiando os acontecimentos e viabilizando uma reflexão e um debate alargado sobre a guerra. A *Revista Militar* inseriu-se neste processo através da análise dos aspectos militares e políticos do conflito. As operações terrestres não deram azo a uma batalha de aniquilamento, apesar dos elevados efectivos envolvidos e das pesadas baixas sofridas pelos dois contendores. Neste artigo abordaremos as reflexões da *Revista Militar* sobre os combates em terra, sob o ponto de vista militar.

Abstract

The clash between Russia and Japan (1904-1905) was an important milestone in the transformation operated in the art of war, in the early twentieth century. Scientific innovations of late Victorian Era were tested in a major way in the battlefield. The interest aroused in the public exceeded military circles, influencing the citizens of Western societies and their makers. The press played an important role reporting it the events and enabling reflection and debate on the war. *Revista Militar* inserted into this process by analyzing the political and military aspects of the conflict. Ground operations have not given rise to a battle of annihilation, despite high staff involved and the heavy casualties suffered by the two contenders. In this article we discuss the reflections of *Revista Militar* about the fighting on land, under the military point of view.

Palavras-Chave: guerra, aniquilamento, envolvimento, tecnologia, arma

Keywords: war, annihilation, involvement, technology, weapon





1. O Magistério de Helmuth von Moltke.

As vitórias navais do Japão pareciam confirmar, aos olhos dos observadores militares internacionais, o acerto das concepções de A. T. Mahan sobre a importância da guerra marítima. Simultaneamente alimentavam a ilusão da existência e perenidade de princípios estratégicos universais, embora readaptados às novas tecnologias do início do século XX. Aliás, a batalha de Tsushima podia ser considerada a nova Trafalgar dos couraçados dos tempos modernos. As perspectivas dos comentadores da *Revista Militar* mostram uma saudável capacidade crítica face ao pensamento dominante. Com efeito, procuraram manter uma abertura de espírito perante as teorias rivais, sem recusar as teses de A. T. Mahan e a ideia da batalha decisiva entre duas poderosas esquadras. O debate subsequente prolongar-se-ia ainda durante vários anos, tentando definir o modelo das forças navais portuguesas. No entanto, a guerra russo-japonesa (1904-1905) caracterizou-se igualmente por importantes operações terrestres, muitas vezes ofuscadas pelo brilhantismo da campanha naval. As batalhas terrestres foram extremamente violentas, envolvendo efectivos muito elevados, durando vários dias e abarcando frentes cada vez mais extensas. Os comandantes dos exércitos que travaram estes combates não deixaram de ser influenciados pelos conflitos mais recentes e as subsequentes teorizações e/ou reflexões de militares que sobre eles se debruçaram. Neste contexto sobressaía, sem margem para dúvidas, a guerra franco-prussiana de 1870-1871 e em menor grau a anterior guerra austro-prussiana de 1866. A guerra russo-turca de 1877-1878 e a guerra anglo-boer de 1899-1902 receberam menor atenção pelo seu carácter aparentemente periférico e, no segundo caso, colonial face à organização e à estrutura militar dos exércitos europeus¹. As concepções estratégicas e mesmo tácticas dominantes na condução da guerra eram basicamente determinadas pelo triunfo no campo de batalha. A rápida derrota do exército imperial francês na guerra franco-prussiana, nomeadamente a rendição de Napoleão III em Sedan (02/09/1870) e Bazaine em Metz (27/10/1870), consagraram definitivamente Helmuth von Moltke (1800-1891). As ideias da escola prusso-germânica tornaram-se o paradigma do sucesso na guerra e as elites intelectuais políticas e militares mundiais tendiam a considerá-las inquestionáveis. O essencial das concepções de Helmuth von Moltke assentava numa leitura muito peculiar das teorias de Carl von Clausewitz, numa era marcada pelo processo de unificação da Alemanha e da Itália. O ênfase concedido às suas concepções estratégicas implicaram, da sua parte, um certo distanciamiento no referente às relações entre guerra e política. Moltke, em oposição

¹Cf. Bond, Brian, *The Pursuit of Victory. From Napoleon to Saddam Hussein*, Oxford/New York, Oxford University Press, 1998, p.58-79, Serman, William e Bertaud, Jean-Paul, *Nouvelle Histoire Militaire de la France 1789-1919*, Paris, Librairie Athème Fayard, 1998, p.411-481, Koch H. W., *History of Warfare*, London, Greenwich Editions, 1998, 436-485 e Kamenir, Victor, «Plevna under Siege», Stoddard, C. Brooke (editor), *Military Heritage*, Vol. 6, n.º 2, Williamsport, P..A., October 2004, p.32-39.



a Clausewitz e a Bismarck, preconizava uma autonomia, ou independência, do comandante em chefe do exército, a partir do momento em que as hostilidades se iniciam até à sua conclusão. Ou seja, aceita a ideia de que a guerra serve a política no sentido clausewitziano do termo, ou seja, a guerra é a prossecução da política por outros meios, mas apenas na definição inicial e geral dos seus objectivos. Assim sendo, não só desvaloriza a acção da diplomacia e da política interna como afasta em princípio os governantes civis da condução da guerra. Isto significa que Moltke não tivera a plena consciência da necessidade de ser realistas e necessariamente moderados os objectivos a alcançar pela acção militar. As suas concepções estavam muito longe das ideias posteriores da guerra total do século XX, fazendo claramente a distinção a entre a ideia de guerra absoluta de Clausewitz e a prática real da guerra. Compreende-se que, apesar das suas discordâncias pontuais com Bismarck, concordasse com a necessidade de preservar o equilíbrio do sistema político internacional. A moderação de Bismarck e Moltke foram a condição *sine qua non* da sobrevivência da unificação alemã no período posterior à vitória de 1871 ².

Moltke estava consciente das transformações operadas na arte da guerra pelas inovações tecnológicas e científicas, resultantes da progressiva industrialização da Europa e da América, na segunda metade do século XIX. A importância concedida aos caminhos-de-ferro, ao telégrafo, à produção de novas armas, de forma estandardizada, alterava profundamente a logística dos exércitos. A capacidade de mobilização do potencial humano de um estado industrializado e a rapidez da deslocação de grandes massas de soldados abria oportunidades inesperadas que podiam ser exploradas. A organização e coordenação dos gigantescos exércitos de conscritos, porém, previa a existência de um eficiente corpo de estado-maior, preparado para enfrentar as mais complexas e inesperadas situações da guerra. Nesta perspectiva, Moltke deu especial importância à formação dos oficiais do estado-maior, que se tornaram numa elite dentro das forças armadas, primeiro da Prússia e depois da Alemanha. O ênfase dado à preparação deste corpo de elite impunha reconhecer que os procedimentos estandardizados não podiam oferecer respostas para todos os imprevistos da guerra concebida, não como uma ciência exacta, mas como uma arte ³. Contudo, os seus contemporâneos ficaram principalmente fascinados pela aplicação prática das concepções inerentes à estratégia de envolvimento e aniquilamento - reali-

² Cf. Aron, Raymond, *Penser la guerre, Clausewitz II L'âge planétaire*, Paris, Éditions Gallimard, 1976, p.10 e p.19-21 e também Rothenberg, Gunther E., «11. Moltke, Schlieffen, and Doctrine of Strategic Envelopment», Paret, Peter, Graig, Gordon A., Gilbert, Felix (ed.), *Makers of Modern Strategy from Machiavelli to the Nuclear Age*, Oxford, Clarendon Press, 1994, p.297-299.

³ Ver Aron, Raymond, *ob. cit.*, p.43 e também Holborn, Hajo, «10. The Prusso-German School: Moltke and the Rise of the General Staff», Paret, Peter, Graig, Gordon A., Gilbert, Felix (ed.), *ob. cit.*, p.281-295. Sobre a concepção de Moltke da estratégia como um "sistema de expedientes" consultar Rothenberg, Gunther E., «11. Moltke, Schlieffen, and Doctrine of Strategic Envelopment», Paret, Peter, Graig, Gordon A., Gilbert, Felix (ed.), *Makers of Modern Strategy from Machiavelli to the Nuclear Age*, Oxford, Clarendon Press, 1994, p.299-300.



zada com total êxito, em 1866, contra a Áustria e, em 1870, contra a França. A sequência aparentemente imparável da mobilização, concentração, movimento e combate dos exércitos prussianos sob o seu comando, tinha conduzido à vitória final. A prossecução deste objectivo pressupunha o bom êxito da concentração inicial das forças com vista à batalha decisiva na qual o inimigo seria cercado e destruído. As novas possibilidades, fornecidas pelos caminhos-de-ferro e o telégrafo, tornavam possível não só alcançar a rápida mobilização e concentração das tropas, mas igualmente operar sobre as linhas exteriores. Assim sendo, os movimentos concêntricos dos exércitos permitiam realizar um conjunto de operações que aparentemente contradiziam a tradição napoleónica do passado. Na verdade, Moltke era suficientemente pragmático para utilizar, segundo o seu célebre “sistema de expedientes”, a linha de operações mais favorável em cada situação militar. Todavia, os observadores da época tenderam a valorizar em absoluto as manobras de envolvimento e aniquilamento do adversário, que se adaptavam à leitura apressada e superficial de Clausewitz, ironicamente propiciada pelo próprio sucesso de Moltke ⁴.

Helmuth von Moltke retirou-se em 1888, advogando uma pouco conhecida, aparentemente estratégia defensiva-ofensiva face ao pesadelo alemão dum conflito em duas frentes com a França a ocidente e a Rússia a Oriente. Os seus sucessores imediatos Alfred von Waldersee (1888-1891) e A. Schlieffen (1891-1905) não ofereceram uma solução definitiva para este dilema estratégico, mas delineararam progressivamente as linhas gerais de um confronto futuro, caracterizado por um ataque preventivo primeiro a oeste e seguidamente a leste. No imediato a evolução do pensamento militar germânico não era facilmente perceptível fora dos círculos de poder da Alemanha. Os fragmentos de informação acessíveis pareciam confirmar a ideia da ofensiva a todo o custo e da batalha decisiva abandonada por Moltke, nos seus últimos anos como chefe de estado-maior. Tais concepções, assimiladas erroneamente ao pensamento de Clausewitz, foram partilhadas por estratégias doutros países com menosprezo para aqueles, como Jan Bloch, Émile Mayer ou Hans Delbrück, chamavam a atenção para a superioridade da acção defensiva devido ao poder de fogo das novas armas. O perigo do impasse militar nas guerras futuras podia transformar o brilhantismo e rapidez da guerra de aniquilamento numa esgotante guerra de desgaste sem fim à vista. No entanto, o ambiente político europeu dos finais do século XIX e princípios do século XX foi marcado por uma ascensão das tensões nacionalistas e, conseqüentemente, as poucas vozes lúcidas dificilmente eram escutadas pela opinião pública mundial ⁵.

⁴ Sobre esta questão consultar Rothenberg, Gunther E., «11. Moltke, Schlieffen, and Doctrine of Strategic Envelopment», Paret, Peter, Graig, Gordon A., Gilbert, Felix (ed.), *Makers of Modern Strategy from Machiavelli to the Nuclear Age*, Oxford, Clarendon Press, 1994, p.296-300. Alguns autores consideram que Moltke e Schlieffen não são autênticos seguidores de Clausewitz pois devem muito a Jomini na concepção da estratégia de envolvimento. Sobre esta questão ver Creveland, Martin van, *The Art of War. War and Military Thought*, London, Cassel & Co, 2000, p.111-143.

⁵ Ver Aron, Raymond, *ob. cit.*, p.46-56 e também Rothenberg, Gunther E., «11. Moltke, Schlieffen, and



2. Impasse na Manchúria

Neste contexto, os generais japoneses foram fortemente influenciados pelas experiências militares prussianas e germânicas que se tornaram em breve um modelo a emular. A marinha de guerra nipônica seguiu o modelo da marinha britânica, mas o exército copiou a estrutura, organização e métodos alemães. A guerra russo-japonesa de 1904-1905 foi uma ocasião para aplicar as lições tiradas da guerra franco-prussiana. O marechal Iwao Oyama esforçou-se por repetir a estratégia de envolvimento e a batalha de aniquilamento que garantira o sucesso de Moltke em Sedan e Metz. No campo russo o general Aleksei N. Kuropaktin pertencia a um universo militar que sofrera uma profunda transformação na sequência da desastrosa guerra da Crimeia. O exército czarista modernizara-se, nos anos subsequentes, dotando-se de estruturas e equipamento militar de última geração. O problema colocava-se a nível do conservadorismo do alto comando incapaz de apreciar devidamente as mudanças resultantes da utilização das novas tecnologias no campo de batalha. A ausência de um pensamento estratégico inovador e a dificuldade em apreender o impacto das novas táticas no combate seria trágico⁶. Contudo, o final do conflito seria marcado pela impossibilidade prática dos generais japoneses em obter a vitória de aniquilamento tão desejada e, simultaneamente, pelo paradoxal sucesso dos russos. Ou seja, as vitórias obtidas pelos japoneses em Liaoyang (26/08/1904-04/09/1904) e Mukden (24/02/1905-10/03/1905), as batalhas mais importantes da guerra, não foram totalmente decisivas. O cerco e a destruição dos exércitos russos da Manchúria não se realizou embora os japoneses tenham sempre detido a iniciativa sobre um inimigo hesitante e constantemente na defensiva. O facto dos russos terem sempre sobrevivido às derrotas, atraindo os japoneses para o interior da Manchúria, associado à preservação do caminho-de-ferro transiberiano permitia às tropas do czar reforçarem-se com novas tropas que chegavam continuamente do ocidente. Assim sendo, os nipónicos esgotavam-se em terríveis batalhas de desgaste nas quais as suas baixas eram muito pesadas e impossíveis de substituir. Considerando o diferencial de potencial humano favorável aos russos é fácil de compreender que no final da guerra os japoneses se encontravam à beira da exaustão sem poderem recrutar mais tropas. As fragilidades internas da Rússia imperial à beira de uma revolução e a derrota naval de Tsushima em 1905 deram a vitória

Doctrines of Strategic Envelopment», Paret, Peter, Graig, Gordon A., Gilbert, Felix (ed.), *Makers of Modern Strategy from Machiavelli to the Nuclear Age*, Oxford, Clarendon Press, 1994, p.306-326. Sobre a evolução das concepções pacifistas, militaristas e nacionalistas entre 1890 e 1914 consultar Bond, Brian, *The Pursuit of Victory from Napoleon to Saddam Hussein*, New York, Oxford University Press, 1998, p.80-103.

⁶ Cf. Westwood, J. N., *Russia Against Japan, 1904-05. A New Look at the Russo-Japanese War*, Albany, State University of New York Press, 1986, p.30-31 e também Hart, B. H. Liddell, *As Grandes Guerras da História*, 5.^a edição, São Paulo, IBRASA, 1999, p.194-195. Sobre o pensamento militar russo consultar Pintner, Walter, “13. Russian Military Thought: The Western Model and the Shadow of Suworov”, Paret, Peter, Graig, Gordon A., Gilbert, Felix (ed.), *Makers of Modern Strategy from Machiavelli to the Nuclear Age*, Oxford, Clarendon Press, 1994, p.354-375.

ao Japão. Todavia, a situação militar nesse ano assemelhava-se a um perigoso impasse na Manchúria porque, não se tendo realizado de imediato a paz, poderia ter sido catastrófica para o Império do Sol Nascente.

Os comentadores militares da *Revista Militar* procuravam equacionar todos estes dados e obter uma imagem de conjunto da evolução do conflito, dando especial atenção às operações terrestres. Deste ponto de vista, dividiam as suas observações pelo cerco de *Port Arthur* e pelo decorrer dos combates na Manchúria. Dois tipos de guerra que paradoxalmente colocavam as forças japonesas numa “posição central” entre a guarnição sitiada e o exército russo da Manchúria. Isto não significava que as tropas nipónicas, que lutaram contra Kuropatine não operassem a partir das “linhas exteriores” nas suas manobras de envolvimento do inimigo. As reflexões efectuadas pelos oficiais portugueses, do referido periódico, não podiam ignorar a estreita interrelação entre os dois tipos de operações. As características específicas do teatro de operações traduziam a importância essencial dada às operações navais e à cooperação, sobretudo nipónica, entre a marinha de guerra e o exército. A análise da campanha pressupunha uma prévia definição das forças e comandos respectivos dos dois países. Assim o capitão Pacheco Simões na sua tradução das descrições do suíço Robert Weber, depois de citar o ataque de surpresa a *Port Arthur* do Japão refere o alto comando e a ordem de batalha do exército czarista do Extremo Oriente. Não fica por aqui a sua descrição, pois observa as disposições dos dois exércitos no terreno, em Abril-Maio de 1904, contando que Kuropatkine realizou a “concentração sobre uma posição estratégica central” das suas forças em *Liao-Yang*, capaz de fazer frente aos ataques oriundos de várias direcções do inimigo. A “utilização das linhas de comunicação interiores” é uma evidente vantagem, embora necessariamente enfranqueada pela sua “única ligação com a base de operações”, através do “caminho de ferro de *Karbine*”. Relata ainda outras dificuldades logísticas essenciais, como a interrupção pela fusão das neves do *Transiberiano* e a impossibilidade de atravessar o lago *Baikal*, quer sobre o gelo quer por barcos pelas mesmas razões, a partir de Abril de 1904. Os desembarques japoneses, bem sucedidos de Fevereiro de 1904, condenaram o exército nipónico a operar “em colunas separadas, ao sair dos desfiladeiros montanhosos que deve atravessar”⁷. Apesar da aparente vantagem russa, o triunfo imediato é obtido pelos súbditos do Império do Sol Nascente que conseguem, perante o espanto geral, atravessar sem dificuldade o rio Yalu (01/05/1904). A resistência das forças do czar foi totalmente ineficiente face ao dinamismo do ataque japonês, que lembra ao autor uma máxima de Moltke :

“A passagem de um rio em presença do inimigo é sempre uma operação militar de difícil execução; os japoneses souberam, porém, conduzi-la com o melhor êxito, inspirando-se no princípio de Moltke: *meditar bem o plano da acção, e*

⁷ Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonêsa - VI - As primeiras operações em terra”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, 30 de Setembro de 1904, n.º 18, ano LVI, p.550-551.

executa-lo depois sem hesitações.

Estudaram e prepararam com todo o cuidado a operação e, em seguida executaram-na com audácia e vigor.”⁸

A aparente adesão japonesa às concepções da escola prussiano-germânica não deixa de ter o seu contraponto infeliz na incapacidade russa de seguir a tradição napoleónica. Ou seja, Kuropaktine não aproveita as oportunidades que vão surgindo para, beneficiando da posição central que ocupa, manobrar através das linhas interiores contra os diversos exércitos nipónicos, condenando-se a perder a iniciativa e a ser constantemente derrotado. O autor desculpa aparentemente esta falta, considerando a inferioridade em tropas e em armamento face aos japoneses. De igual modo, estranha a incapacidade japonesa em realizar uma adequada perseguição das tropas russas, embora também aqui exista a justificação da exaustão física das tropas nipónicas⁹. Contudo, nenhum dos intervenientes é totalmente livre de agir sem a interferência das autoridades políticas de cada país e das respectivas opiniões públicas nacionais. E, neste ponto, encontramos sem dúvida uma violação dos princípios de Moltke na condução da guerra, que exigiam total autonomia do comando militar durante a duração do conflito em relação ao poder político. É o caso da actuação da corte de *S. Petersburgo* exigindo ao comandante em chefe russo que socorra de imediato *Port Arthur*. A incapacidade do comandante de *Port Arthur* em restabelecer o contacto com o corpo principal das forças russas anunciava o começo do cerco da mais importante base naval no Mar Amarelo. O patriotismo russo, profundamente decepcionado com a evolução da guerra, marcada por importantes reveses das tropas do czar receia a queda desta fortaleza¹⁰. O medo da reacção negativa da opinião pública das principais cidades do Império russo não pode deixar indiferente Nicolau II. O desejo de uma acção imediata destinada a evitar tal eventualidade torna-se uma exigência universal quer dos cidadãos quer das elites. Os círculos de poder temerosos da possibilidade de uma revolta, ou mesmo, de uma revolução não

⁸ Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - VII - Passagem do Yalú - Batalha de Kiuliencheng (1 de maio de 1904), Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, 15 de Outubro de 1904, n.º 19, ano LVI, p.585-586.

⁹ Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - VIII - Ocupação de Feng-Huang-Cheng [06/05/1904]”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, 31 de Outubro de 1904, n.º 20, ano LVI, p.609-617.

¹⁰ “Nos centros patrióticos da Rússia tinham-se consolado dos vezes experimentados pela esquadra no principio da guerra, com a convicção da superioridade do exercito de terra; ninguem admittia a idéa de um mau exito duradouro nas operações de campanha.

A derrota de Zassulich no Yalú não abalará a confiança no exército, mas quando a 26 de Maio ocorreu a derrota de Stoessel em Kin-cheu, todos reconheceram a importância do golpe vibrado no prestígio militar da Rússia e ficaram perplexos sobre a sorte reservada à fortaleza de Porto-Arthur. Avaliando pelo esforço desenvolvido para conquistarem a posição de Kin-cheu a extraordinária energia e o notável ardor guerreiro que dominava os japoneses, os russos conjecturavam que estes não recuariam ante nenhum sacrifício para conseguir a tomada daquela praça, para eles penhor essencial da guerra.”, Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - II - As primeiras operações em terra - Estratégia imposta a Kuropaktine”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Março de 1905, n.º 3, ano LVII, p.230.

podem ignorar estes apelos. Pacheco Simões seguindo as observações do suíço Robert Weber descreve as pressões do czar e do chefe do partido da corte, Alexeieff, sobre Kuropaktine interferindo na condução das operações militares ¹¹. Trata-se de um autêntico pecado capital, cometido pelas autoridades políticas que, na opinião do autor português, terá um efeito contraproducente nas operações militares. Com efeito, a estratégia defensiva do general russo assentava na ideia de não empreender nenhuma operação ofensiva sem dispor de superioridade numérica. O auxílio a *Port Arthur* tornaria inviável a realização desta estratégia defensiva, assente no desgaste do inimigo e na fixação de partes das forças japonesas pela resistência oferecida pela guarnição da praça ¹². As consequências da alteração desta estratégia por imposição do czar seriam desastrosas induzindo um novo ciclo de derrotas que seria fatal para o exército russo ¹³.

A subsequente batalha de *Wa-fang-hu* a 15 de Junho de 1904 terminou com uma derrota dos russos e foi caracterizada por manobras envolventes dos japoneses que, embora sem conseguirem cercar as tropas do czar, lhes garantiram a vitória ¹⁴. Começa assim a delinear-se aquilo que será o padrão constante dos

¹¹ “Libertar Porto-Arthur ! tal foi o grito que partindo de S. Petersburgo ecoou em toda a Rússia.

O partido da corte, representado por Alexeieff, rival de Kuropaktine, fez prevalecer a sua influência e, aproveitando o descontentamento geral que resulta sempre das derrotas, para impressionar o ânimo do Czar, obteve que fosse dada ordem a Kuropaktine para libertar Porto-Arthur. Afirma-se que o general respondeu ao imperador com o pedido de lhe aceitar a demissão, mas Nicolau II, que tem em subida conta a aptidão militar do generalíssimo, não a aceitou e deixou a Kuropaktine a iniciativa de «fazer alguma cousa em favor de Porto-Arthur», segundo o seu livre critério.”, Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - II -As primeiras operações em terra - Estratégia imposta a Kuropaktine”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Março de 1905, n.º 3, ano LVII, p.230.

¹² “Tendo resolvido não empreender nenhuma operação importante antes de dispôr de uma superioridade numérica decisiva, e contando de antemão com o bloqueio e sitio daquela praça, para o que desde o principio da guerra lhes destinara uma forte guarnição, Kuropaktine estava resolvido a não deixar influir a sorte de Porto-Arthur nas operações do exercito de campanha.”, Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - II -As primeiras operações em terra - Estratégia imposta a Kuropaktine”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Março de 1905, n.º 3, ano LVII, p.230.

¹³ “A insistência porém das ordens emanadas da corte e o efeito moral produzido pela ideia do abandono daquela cidade, levaram o generalíssimo russo a proceder em contradição com o seu primitivo plano, destacando da massa das suas tropas um corpo de exercito que, sobre o comando do general Stackhelberg, iria tentar restabelecer a ligação com as forças de Stoessel.

Dois dos subordinados de Kuropaktine tinham sido batidos separadamente; a mesma sorte estava reservada a esse terceiro.” Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - II -As primeiras operações em terra - Estratégia imposta a Kuropaktine”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Março de 1905, n.º 3, ano LVII, p.230-231.

¹⁴ “Ao romper do dia, a infantaria japonesa desenvolvida em atradores iniciou o combate pronunciando-o de principio contra a frente da posição russa, mas denunciando em breve a intenção de envolver o flanco esquerdo d’esta. Diferentes contra-ataques da 1.ª divisão de caçadores, durante um dos quais o general Gerngross foi ferido, não conseguiram desembaraçar esse flanco.

Pelas nove horas, entrou em acção a coluna da esquerda que acentuou também o envolvimento da ala direita russa, repelindo para nordeste a cavalaria do general Sampsonoff.”, Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - III -Tentativa para socorrer Porto-Arthur”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Abril de 1905, n.º 4, ano



combates entre russos e japoneses. Dum lado a incapacidade das tropas do czar de tomarem a iniciativa e evitarem os movimentos envolventes dos japoneses, do outro os nipónicos não conseguindo cercar e aniquilar o adversário. As tropas do Sol Nascente são igualmente incapazes de levar a bom cabo a perseguição dos russos após a batalha, em parte devido ao esgotamento dos soldados, em parte por ausência de uma cavalaria adequada. A exploração do sucesso torna-se uma das grandes fragilidades do comando japonês, explicando em parte a impossibilidade de obter a vitória final e decisiva tão almejada ¹⁵. O mais importante, porém, é caracterizar as sequelas imediatas dos erros cometidos pelos russos, ao alterarem a estratégia até aí seguida. Na sua opinião as consequências são extremamente perigosas, pois se traduziram num agravamento da situação estratégica de Kuropaktine, sem beneficiar em nada a posição da guarnição de *Port-Arthur*: a derrota das forças do czar destruíra as últimas hipóteses de salvar a fortaleza cercada ¹⁶. Continuando o relato das operações em curso, o autor analisa os movimentos ofensivos japoneses e os seus sucessivos êxitos em pequenos recontros com os russos. A inesperada incapacidade dos nipónicos de aproveitarem as oportunidades para desferirem um golpe mortal no exército czarista é justificada pela extrema prudência do marechal Oyama. As aparentes deficiências do alto comando japonês são transformadas em virtudes fazendo-se sobressair a harmonia dos movimentos dos seus diversos exércitos exemplarmente coordenados segundo o modelo idealizado de Moltke ¹⁷. As subseqüentes oper-

LVII, p.319.

¹⁵ "O exercito japonês que por falta de boa cavalaria, não poude efectuar a perseguição, seguiu com extrema prudência as tropas inimigas em retirada e só a 21 de junho, depois de um recontro com a cavalaria do general Sampsonoff, é que occupou a localidade de Sun-yao-cheng, situada a 45 km. Ao norte do campo de batalha.", Simões, Luiz Henrique Pacheco, "A guerra russo-japonesa - III -Tentativa para socorrer Porto-Arthur", Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Abril de 1905, n.º 4, ano LVII, p.321.

¹⁶ "D'este modo, terceiro corpo do exercito russo tinha experimentado uma grave derrota e, para o apoiar e socorrer, Kuropaktine tivera que transferir a concentração das suas forças sobre o flanco esquerdo, agravando a sua situação estratégica.

Alem d'isto, o resultado que provocará fora atrair sobre o seu exercito, ainda incompleto, importantes forças do inimigo, que mais lhe valera ver empenhadas contra Porto-Arthur, o que nem por isso teria prejudicado muito a sorte d'esta praça, que assim satisfaria a um dos principais fins a que são destinadas todas as fortalezas, isto é, reter e imobilizar na sua frente grandes forças inimigas, desafrentando delas o exercito de campanha.

Com a batalha de Wa-fang-hu perderam pois os russos toda a esperança de socorrer e libertar Porto-Arthur.", Simões, Luiz Henrique Pacheco, "A guerra russo-japonesa - III -Tentativa para socorrer Porto-Arthur", Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Abril de 1905, n.º 4, ano LVII, p.321-322.

¹⁷ "Não se compreende bem por que Kuroki não continuou a ofensiva na primeira quinzena de julho e se não dirigiu quer para o sul quer para o norte de Liao-Yang, afim de se assenhorear do caminho de ferro e da estrada para Mukden. O facto só se explica pela extrema prudência dos movimentos estratégicos dos japoneses, os quais têm demonstrado sempre o propósito de não se abalancarem a qualquer tentativa mais arrojada sem absoluta garantia do seu bom êxito, e por outro lado por principio nenhum deixam de manter a maior harmonia e ligação nos movimentos dos seus exércitos. Kuroki parece ter momentaneamente suspendido a sua ofensiva, não só para assegurar bem a posse dos pontos que conquistara, como para aguardar o conveniente avanço



ações militares, ao longo do resto do mês de Julho de 1904, nas diversas frentes não parecem introduzir grandes inovações na condução da guerra, do lado do Império do Sol Nascente. As críticas às hesitações, ambiguidades e contradições, do alto comando czarista sucedem-se e é salientada a forma como facilmente se deixa manobrar e envolver pelo adversário. A continuidade aparente dos movimentos dos dois exércitos torna evidente uma certa descoordenação dos exércitos nipónicos que é referida como incompreensível pelo coronel Robert Weber. Neste ponto o capitão Pacheco Simões discorda abertamente desta opinião, procurando demonstrar que foram as dificuldades do terreno que impediram a coordenação das forças dos generais Oku e Nodzu, durante as acções de 24 e 25 de Julho de 1904. Este facto não teve, no entanto, qualquer sequência nefasta pois o general Kuropaktine teve de dar a ordem de retirada aos defensores de *Ta-chi-kiao*, devido à ameaça sobre os seus flancos do general Nodzu. Aliás, o marechal Oyama não violara nenhum princípio estratégico da escola prusso-germânica de Moltke e Schlieffen, pois ordenara um ataque concêntrico dos seus exércitos contra as forças russas da Manchúria, a 6 de Julho de 1904¹⁸.

Levanta-se assim o pano para as grandes batalhas da guerra russo-japonesa, começando por uma das mais célebres dos tempos modernos, travada entre 26 de Agosto e 4 de Setembro de 1904: *Liao-Yang*. Foi sem dúvida o primeiro grande confronto bélico da guerra e um dos maiores da época, só eclipsado na altura por *Sedan*. Pode considerar-se igualmente a primeira grande batalha do século XX com massas enormes de soldados enfrentando-se em colossais frentes e utilizando armas extremamente destrutivas sem paralelo com o passado. A desproporção de forças e as posições fortificadas beneficiavam os russos que travaram uma batalha defensiva contra um inimigo inferior em número e armamento. O marechal Oyama que estivera presente em *Sedan* na sua juventude, como observador neutro, era um comandante mais agressivo do que o prudente Kuropaktine. Desejava ardentemente emular os seus mentores prussianos, repetindo a estratégia

dos outros exércitos, em especial do II, do comando de Oku.", Simões, Luiz Henrique Pacheco, "A guerra russo-japonesa - IV - Marcha dos exércitos japoneses sobre Liao-Yang - Combates nos Montes Fen-chui-ling - Luta sobre a denominada **frente leste** do exercito russo, durante o mês de julho", Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Junho de 1905, n.º 5, ano LVII, p.502.

¹⁸ "Estas considerações podem refutar-se não só argumentando com o motivo que determinou que determinou Kuropaktine a ordenar a pronta retirada do exercito russo na noite de 24-25 de julho que, como vimos, foi o saber ameaçadas as comunicações d'esse exercito pelo general Nodzu, como com a lentidão de movimentos imposta ás tropas deste pelas dificuldades do terreno e ainda pela próxima presença das tropas russas de Zassulitch em Hai-Cheng e Si-um-cheng, das de Keller na sua direita e dos cossacos de Michtchenko, na direcção de Tang-chi. De resto, embora o marechal Oyama se não encontrasse ainda junto das tropas que sustentavam as operações activas da campanha, parece certo que, antes de partir de Tokio, em 6 de julho, havia ordenado já o ataque concêntrico dos três exércitos de Kuroki, Oku e Nodzu contra o exercito russo da Manchuria.", Simões, Luiz Henrique Pacheco, "A guerra russo-japonesa - V - Luta sobre a denominada **frente leste** do exercito russo, durante o mês de Julho - Ofensiva combinada do II e III exércitos japoneses - Combate e tomada de Kaiping - Combate de Ta-chi-kiao", Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Junho de 1905, n.º 5, ano LVII, p.574-575.

de envolvimento e aniquilamento de Moltke, na guerra franco-prussiana (1870-1871). *Liao-Yang* oferecia-lhe uma excelente oportunidade de realizar este ensejo mas, a dificuldade de coordenar os seus três exércitos num terreno adverso, impediu o sucesso total do ataque concêntrico que planeava. A resistência russa marcada por fortes contra-ataques, levou as suas forças à exaustão e não permitiu concluir a manobra de cerco. O exército do czar, não vencido mas ameaçado nos seus flancos, não foi capaz de aproveitar as oportunidades que se lhe ofereciam e o comandante em chefe, com pouca fé em si próprio e nas suas tropas, ordenou a retirada deixando o exército nipónico senhor do terreno. A exaustão das tropas japonesas e as terríveis baixas sofridas, sem comparação com as russas, tornaram igualmente inviável a perseguição das forças czaristas em retirada na direcção de Mukden ¹⁹.

As apreciações da batalha feitas por Pacheco Simões, na base das informações prestadas por Robert Weber, partem duma forte crítica ao planeamento das fortificações de *Liao-Yang*, sobretudo da defesa interior demasiado próxima da cidade e, assim, exposta ao fogo da artilharia inimiga. No entanto, as principais falhas de Kuropaktine resultavam, de novo, da interferência política de S. *Petersburgo* que o obrigava a travar uma batalha que não desejava. A cedência a estas pressões levaram-no a optar por uma disposição das forças no terreno, que assegurava a retirada escalonada das unidades, mas enfraquecia de tal forma a frente do exército que tornava impossível qualquer vitória. O autor apercebe-se das contradições implícitas nas decisões e hesitações do general do czar, embora não as conhecendo totalmente. Ignora igualmente os verdadeiros efectivos dos dois lados, assumindo erradamente a superioridade numérica e material dos japoneses, o que na época era partilhada por muita gente incluindo o comando em chefe russo ²⁰. Na subsequente descrição dos principais acontecimentos da batalha, Pacheco Simões não segue totalmente Robert Weber, optando por uma abordagem própria, fruto de reflexões e contributos diversos ²¹. Assim sendo, as

¹⁹ Cf. Westwood, J. N., *Russia against Japan, 1904-05. A New Look at the Russo-Japanese War*, Albany, State University of New York Press, 1986, p.64-71 e Zabecki, David T., "Liao-Yang: Dawn of Modern Warfare", Vance, Roger L. (Editorial Director), *Military History*, Leesburg, VA, Primedia, December 1999, Vol. 16, n.º 5, p.54-61.

²⁰ "Na verdade e não sem justos motivos, Kuropaktine não considerava chegado ainda o momento de travar uma batalha decisiva e continuava aguardando que se lhe reunissem outros reforços. Parece, porém, que de novo foi constringido, pelas intrigas dos partidários de Alexeieff junto do imperador, a não ceder Liao-Yang senão depois de arriscar a sorte de uma batalha. Kuropaktine submeteu-se á ordem recebida, mas escalonou o exército sobre uma grande profundidade por forma a poder retirar sucessivamente os seus corpos devendo, os mais afastados da frente estarem sempre prontos a opor-se, por um contra-ataque, a qualquer movimento envolvente do inimigo. Deste modo assegurava a retirada, mas enfraquecia a frente do exercito de maneira tal que toda a possibilidade de uma grande vitória estava de antemão excluída.", Simões, Luiz Henrique Pacheco, "A guerra russo-japonesa - Em torno de Liao-Yang", Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Outubro de 1905, n.º 10, ano LVII, p.836-845.

²¹ "Não é possível, sem largo desenvolvimento, que os restritos limites deste trabalho não comportam, apresentar uma descrição minuciosa das acções que cada período compreendeu; limitar-nos-emos pois a descrever a batalha de Liao-Yang nas suas linhas gerais, insistindo apenas n'um ou

suas observações são extremamente interessantes, pois permitem-nos perceber, com maior precisão, a imagem que os contemporâneos fizeram da batalha. Em primeiro lugar, o comentador português apercebe-se do paralelismo entre *Liao-Yang* em 1904 e *Sedan* em 1870, identificando correctamente a filiação, entre as duas batalhas, estabelecida através do pensamento estratégico do marechal Oyama. Ou seja, tratava-se de cercar o principal exército russo da Manchúria e, seguidamente, aniquilá-lo encerrando desta maneira a campanha ²². Todavia, os esforços japoneses frustraram-se devido à habilidade táctica de Kuropaktine não sendo uma batalha decisiva pois o exército czarista não foi esmagado ²³. Pacheco Simões descreve, de forma pormenorizada e faseada, os diversos momentos da longa batalha que é considerada a mais importante da campanha, pelos efectivos utilizados dos dois lados e a excepcional duração ²⁴. Não é considerada, no entanto, muito sanguinolenta em comparação com os confrontos militares da guerra franco-prussiana ²⁵. As conclusões, daí derivadas, apontavam para a

noutro episódio mais característico ou interessante, ampliando contudo a narrativa do coronel Weber demasiadamente concisa e incompleta, talvez por ter sido redigida em outubro de 1904, isto é, um dois meses apenas depois da batalha.", Simões, Luiz Henrique Pacheco, "A guerra russo-japonêsa - VIII- Batalha de Liao-Yang", Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Março de 1906, n.º 3, ano LVIII, p. 222, nota 1.

²² "Aspirava o generalíssimo japonês - ao que se presume - a envolver por completo o exército de Kuropaktine, Liao-Yang deveria ser para os russos o que Sedan fora para os franceses em 1870. Para conseguir este fim, Oyama formulara um plano que consistia essencialmente em cortar pelo norte da cidade as comunicações do exército inimigo, missão que seria confiada ao general Kuroki, enquanto por sudoeste e sul as tropas de Oku e de Nodzu impeliriam os russos sobre Liao-Yang, encerrando-os n'um completo círculo de ferro. A batalha seria assim de resultado verdadeiramente decisivo para o êxito da campanha e o principal exercito russo da Manchúria, com o generalíssimo à frente, ver-se-ia obrigado a depor as armas ou sujeitar-se a uma completa destruição", Simões, Luiz Henrique Pacheco, "A guerra russo-japonêsa - VIII- Batalha de Liao-Yang", Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Março de 1906, n.º 3, ano LVIII, p.220-221.

²³ "Apesar dos japoneses terem empregado esforços verdadeiramente heróicos numa porfiada luta de doze dias para darem cabal execução àquelle plano e lograrem o exito que ambicionavam, a habilidade táctica de Kuropaktine frustrou todos os projectos de Oyama, e Liao-Yang sendo uma grande batalha, uma das maiores mesmo que a história militar ficará registando, não é por modo algum, como veremos, uma batalha decisiva, não obstante todo o valor moral do triunfo que ela representa para os japoneses.", Simões, Luiz Henrique Pacheco, "A guerra russo-japonêsa - VIII- Batalha de Liao-Yang", Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Março de 1906, n.º 3, ano LVIII, p.221.

²⁴ "Pelos efectivos em presença - apenas excedidos em Leipzig, Sadowa e Gravelotte - e pela sua excepcional duração, Liao-Yang deve com efeito ser reputada uma das grandes batalhas dos tempos modernos; em compensação porém, não foi das mais sanguinolentas, sobretudo se se atender ao extraordinário lapso de tempo - doze dias - durante o qual os dois exércitos persistiram em luta.", Simões, Luiz Henrique Pacheco, "A guerra russo-japonêsa - IX- Batalha de Liao-Yang - Considerações acerca da batalha de Liao-Yang", Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Abril de 1906, n.º 4, ano LVIII, p.309.

²⁵ "Que Liao-Yang não foi uma batalha muito sanguinolenta, embora nela se fizesse uso durante doze dias do mais moderno e aperfeiçoado material de guerra hoje adoptado, prova-o, por exemplo, a comparação das perdas que causou com as devidas ás batalhas de Gravelotte (St. Privat) e Vionville-Mars-La-Tour, na guerra franco-alemã (...)", Simões, Luiz Henrique Pacheco, "A guerra russo-japonêsa - IX- Batalha de Liao-Yang - Considerações acerca da batalha de Liao-Yang",

aceitação de que o poder de fogo das novas armas de infantaria e artilharia não era suficientemente letal, para impedir as velhas táticas de infantaria e as manobras de envolvimento da estratégia germano-prussiana. Assim sendo, o pesadelo das trincheiras da Primeira Grande Guerra (1914-1918) e do massacre recíproco dos exércitos imobilizados, numa eterna guerra de desgaste, parecia afastada do horizonte mais próximo. Todavia, o autor, numa nota de rodapé, atenua este optimismo dominante nos comentadores militares da época. Citando a experiência japonesa, recente nesta batalha, relembra que as fortificações de campanha improvisadas e a coordenação da diversas armas, não impedem totalmente o poder de fogo dominar o campo de batalha ²⁶.

As considerações mais imediatas apontam para a frustração dos planos de batalha dos comandantes em chefe dos dois exércitos, incapazes de os materializar na prática. Kuropaktine obrigado, contra vontade, a seguir as instruções do czar, tentou combinar um ataque ao 1.º exército de Kuroki, que ameaçava a sua ala esquerda, com uma retirada escalonada em direcção de *Mukden*. Tal esforço falhou completamente embora tivesse conseguido salvar o seu exército ²⁷. O marechal Oyama não conseguiu concluir o envolvimento das forças russas, devido à insuficiência das forças disponíveis e, portanto, também fracassou. No entanto, o Japão logrou uma vitória moral e psicologicamente muito importante, pois acabou com os mitos da invencibilidade dos exércitos europeus e abriu uma nova era na história da Ásia ²⁸. Além disso, a vitória nipónica garantira aos seus exércitos o controlo de um ponto estratégico essencial da Manchúria, contra um inimigo que dispusera de tempo suficiente para o tornar num poderoso campo entrincheirado. A subsequente batalha de *Sha-Ho* (04/10/1904-18/10/1904) iria apenas confirmar a superioridade do comando e das tropas do Mikado sobre as do czar, abrindo o caminho para a última grande e decisiva batalha da guerra igualmente ganha pelos japoneses: *Mukden* (20/02/1905-10/03/1905) ²⁹.

Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Abril de 1906, n.º 4, ano LVIII, p.310.

²⁶ “Entretanto e apesar deste judicioso e largo emprego da fortificação, ocasiões houve – como nos ataques do dia 30 de agosto, contra as alturas de Shu-shan, tentados pela infantaria da IV e V divisões – em que a 800 metros de distância, isto é, logo que começava o terreno descoberto, os atiradores japoneses eram detidos e o ímpeto do ataque paralisado pelo vivo fogo que rompia das trincheiras inimigas, não só de espingarda como das metralhadoras, cujo tiro os russos eficazmente aproveitaram.”, Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - IX- Batalha de Liao-Yang – Considerações acerca da batalha de Liao-Yang”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Abril de 1906, n.º 4, ano LVIII, p.311, nota 1.

²⁷ Cf. Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - IX- Batalha de Liao-Yang – Considerações acerca da batalha de Liao-Yang”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Abril de 1906, n.º 4, ano LVIII, p.312-313

²⁸ Cf. Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - IX- Batalha de Liao-Yang – Considerações acerca da batalha de Liao-Yang”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Abril de 1906, n.º 4, ano LVIII, p.313.

²⁹ Cf. Simões, Luiz Henrique Pacheco, “A guerra russo-japonesa - IX- Batalha de Liao-Yang – Considerações acerca da batalha de Liao-Yang”, Mathias, Thomaz Rodrigues (editor), *Revista Militar*, Lisboa, Typographia Universal, Abril de 1906, n.º 4, ano LVIII, p.313-314.

3. Novas Tácticas, Novas Armas.

A guerra russo-japonesa implicou uma análise das novidades, a nível da táctica das formações militares, que assume um papel muito importante no desenvolvimento da guerra no século XX ao lado das *performances* dos grandes teóricos da estratégia moderna. No caso da *Revista Militar* insere-se no interior dum debate sobre as tácticas específicas da infantaria, nomeadamente a progressão no terreno, utilizando caminhos desenhados, marcha por lanços e/ou rastejando. Pressupunha igualmente a coordenação de esforços com a artilharia e o emprego, cada vez mais generalizado, das metralhadoras. Sob este ponto de vista, a *Revista Militar* publicou, nos inícios de 1905, um artigo da autoria do coronel Raposo Botelho que se mostra revelador das concepções vigentes a nível táctico, amadurecidas pelas experiências, relativamente recentes, da guerra anglo-boer e da guerra russo-japonesa. Não deixa de ser curioso o ponto de partida do autor pois, embora considerasse essencial as inovações operadas nos combates travados na África do Sul, situa o debate entre as escolas de pensamento militar moderno no seguimento dos debates dos finais do século XVIII ³⁰. Assim, lembra a célebre oposição entre ordem linear e ordem profunda defendida, a primeira por Guibert e a escola prussiana, a segunda por Mesnil Durand ³¹, parecendo dar uma nítida preferência à segunda que, de algum modo, identifica com a táctica napoleónica. Nesta perspectiva, considera o debate entre os defensores das inovações tácticas, inspiradas na guerra da África do Sul e os seus opositores, o prolongamento na época contemporânea da polémica do passado. Assim sendo, pronuncia-se contra as concepções do general francês Négrier e em defesa das posições do general Langlois, que considera totalmente válidas as concepções napoleónicas, desenvolvidas por Clausewitz e responsáveis pelas vitórias militares alemãs de *Sadowa* e *Sedan* nos anos 60 e 70 do século XIX ³². Não sabemos se o autor leu

³⁰ “A guerra anglo-boer provocou no mundo militar um intenso movimento de opinião, levando alguns ilustres escritores a afirmarem que os progressos realizados no armamento moderno transformaram por tal modo as condições da guerra, que se torna indispensável assentar nas bases de uma nova táctica, ao passo que outros não alteram essencialmente os métodos de combate deduzidos das últimas grandes guerras.”, Raposo Botelho, “A actual da evolução da Táctica da Infantaria”, *Revista Militar*, Janeiro de 1905, n.º1, Ano LVII, p.10.

³¹ “Uma tal controvérsia, na qual têm tomado parte tácticos de superior competência, traz á memoria a celebre questão entre os partidários da *ordem linear* e os da *ordem profunda*, que em França se degladiou na segunda metade do século XVIII, e que, por sua paridade, não será ocioso agora relembrar muito ao de leve.”, Raposo Botelho, *ob. cit.*, p.10.

³² “Controvérsia análoga divide agora os escritores militares. Encetou a discussão o distinto general francês Négrier, membro do conselho superior de guerra, que, em notáveis artigos publicados sob o anonimato na *Revue des Deux Mondes*, preconiza a necessidade de transformar profundamente os actuais processos tácticos de harmonia com as lições colhidas na recente guerra da África Austral; e o seu mais ilustre adversário é o general Langlois, notável escritor militar e antigo comandante da escola superior de guerra, o qual, no seu apreciado livro *Conséquences tactiques du progrès de l'armement*, sustenta que, apesar dos novos instrumentos de combate criados pela indústria moderna, ainda devem ser aplicados os preceitos da táctica napoleónica, os quais professados por Clausewitz e meditados durante meio século na Alemanha, produziram as brilhantes vitórias de *Sadowa* e de *Sedan*. No fundo é, como veremos, uma nova luta entre o princípio do desenvolvimento linear e o da acção em profundidade.”, Raposo Botelho, *ob. cit.*, p.11.



efectivamente Clausewitz, pois a sua assimilação às concepções napoleónicas nos parece excessivamente apressada embora até certo ponto compreensível. Sabemos, porém, que leu de certeza outro intérprete, sistematizador e divulgador do pensamento estratégico e tático de Napoleão: o suíço Jomini. Cita-o para assentar numa perspectiva da táctica como algo passível de ser sistematizado em grandes princípios, praticamente imutáveis, apesar das alterações introduzidas pelos novos armamentos³³. Com efeito, embora aceitando eventuais modificações na táctica militar tenta minimizá-las, considerando que as espingardas de repetição, de pequeno calibre, a pólvora sem fumo e as peças de tiro rápido de artilharia, não são tão inovadoras como as anteriormente produzidas pelas espingardas estriadas e de carregar pela culatra³⁴. Esta posição permite-lhe fazer uma análise às consequências da guerra anglo-boer, na França, Inglaterra e Alemanha para as reduzir a uma especificidade local e tentar preservar a ideia da superioridade da ofensiva e do choque no sucesso das operações militares, privilegiando a ofensiva sobre a defensiva. Isto é tanto mais surpreendente quanto o autor não ignora as novidades dos manuais ingleses, que valorizam cada vez mais a manobra defensiva e a potência de fogo sobre o choque. Contudo, o autor é, principalmente, influenciado pelas observações da guerra russo-japonesa, que parecem confirmar os preceitos aceites da superioridade da ofensiva e do choque sobre a defensiva e o poder de fogo³⁵.

Na verdade, os russos parecem ser extremamente receptivos, durante a guerra russo-japonesa, às velhas tácticas de infantaria, nomeadamente à “doutrina da supremacia da energia moral e da marcha intemerata ao assalto”, ou seja, a utilização da infantaria em assaltos frontais com a inevitável carga à baioneta³⁶.

³³ “Na táctica, como na estratégia, há princípios gerais científicos estabelecidos, mas cujos processos de execução podem variar. Por isso Jomini, na sua magistral obra *Précis de l’art de la guerre*, com justeza dizia: «A táctica de execução ficará eternamente formulada em sistemas contraditórios, e será já muito se conseguirmos estabelecer algumas máximas reguladoras, que impeçam a introdução de falsas doutrinas no sistema que adoptarmos». Os processos tácticos estão, com efeito, sujeitos a modificações impostas pelos progressos do armamento, pois que as modificações impostas pelos progressos do armamento, pois que a distancia a que deve travar-se o combate, a utilização do terreno e a maneira de executar os movimentos dependem essencialmente da acção das armas.”, Raposo Botelho, *ob. cit.*, p.11.

³⁴ Cf. Raposo Botelho, *ob. cit.* p.11-12.

³⁵ “Mais intensa luz deve resultar das lições colhidas na guerra, que tão encarniadamente se está ferindo no Extremo Oriente, deixando-se já antever que elas serão de molde a arrefecer os exagerados entusiasmos pelos processos tácticos dos boers, adaptáveis com vantagem às condições de terreno e de organização militar das extintas repúblicas sul-africanas, mas impróprios para realizar as acções decisivas da grande guerra. Resultados decisivos, como da célebre coluna de Macdonald em Wagram ou o do ataque de Skobelef na terceira batalha de Plewna, só podem alcançar-se á custa de hecatombes humanas; é o inevitável preço por que ficam tais sucessos, e resta ainda saber, se totalizando, haverá mais economia de vidas na morosa e frouxa sucessão de esforços, do que uma acção enérgica, que combine os efeitos preponderantes do fogo com o efeito moral de uma irrupção inesperada. Parece que assim o têm entendido russos e japoneses.”, Raposo Botelho, *ob. cit.*, p.17-18.

³⁶ “O velho general recebeu do teatro da guerra um telegrama enviado pelo 124.º regimento de infantaria de Voroneje, no qual lhe comunicava que, fiel ao ensino do seu antigo chefe, havia

De igual modo os japoneses, ensinados na escola militar alemã, parecem mostrar no mesmo conflito “o mais decidido espirito ofensivo”, esgotando-se em contínuos ataques de massas de infantaria indiferentes às baixas sofridas em sucessivos assaltos ³⁷. Assim sendo, Raposo Botelho aceita as alterações introduzidas pelas novas armas e novas experiências militares, mas só na medida em que não entram em choque com os princípios já estabelecidos da tática militar, principalmente na aceitação da superioridade da ofensiva sobre a defensiva, minimizando as lições da guerra anglo-boer e da guerra russo-japonesa, que apontavam em sentido contrário ³⁸. É possível que a sua preocupação pelo controlo eficaz dos soldados o fizesse favorecer a utilização de táticas clássicas e de grandes massas de infantaria, em vez das forças mais dispersas de unidades independentes e flexíveis de atiradores ³⁹.

Seja como for, as próprias interpretações dos contendores apontavam na direcção seguida pelo autor, como acontecia com as lições que o exército russo extraiu da mesma campanha. Assim sendo, as conclusões do coronel Neznamov, do estado-maior russo, reflectiam a crença na validade das antigas táticas e formas de combater herdadas do passado:

“1.º A guerra russo-japonesa mostrou nitidamente a superioridade da ofensiva sobre a defensiva tanto sob o ponto de vista estratégico como tático.

A perfeição da peça moderna, aumentando muito os meios de acção das tropas, aumentou também a vantagem que resulta de tomar a iniciativa das operações.

2.º A direcção do combate tornou-se mais complicada, os chefes de unidades carecem ainda de mais iniciativa do que d’ antes. Julgando o comandante em chefe da situação da acção só pelos relatórios que recebe, cada vez se torna mais necessário preparar os chefes de diferentes graus a bem considerarem as diversas fases do combate, de sorte que possam elaborar relatórios claros, julgar

marchado três vezes ao ataque sem que os atiradores se deitassem, conseguindo por fim forçar os japoneses á retirada. A resposta de Dragomirof foi que, recordando-se, comovido e com as lagrimas nos olhos, do regimento, lhe enviava mais uma vez o seu antigo conselho: «Que a linha de atiradores na ofensiva nunca se deite.»”, Raposo Botelho, *ob. cit.*, p.18.

³⁷ “Os seus mortos e os seus feridos jazem aos montões, como os feixes de trigo em um campo ceifado, mas apesar d’isso os oficiais preparam uma serie de enérgicos movimentos ofensivos, que os russos conseguiram repelir, quer pelo fogo quer com rápidos contra-ataques, mas em frente do 24 regimento o assalto dos japoneses chegou mesmo até à luta corpo a corpo, á baioneta.”, Raposo Botelho, *ob. cit.*, p.19.

³⁸ “Parece, pois, poder concluir-se que, apesar dos modernos processos do armamento, não estão essencialmente abalados os *princípios gerais* que regem a tática da infantaria, e que apenas nos *processos de aplicação* é necessário ter em vista a sua evolução progressiva, a qual já desde muito tempo vem sempre orientada no mesmo sentido. As diferenças são, portanto, mais de intensidade do que de modalidade.”, Raposo Botelho, *ob. cit.*, p.19.

³⁹ “Importância da manobra e portanto da mobilidade das tropas, Judiciosa utilização do terreno, principalmente como protecção para a marcha ofensiva, Intima solidariedade na acção das diversas armas; Finalmente, o maior desenvolvimento da energia moral do soldado, o que exige, além da sua cuidada educação patriótica e técnica um forte enquadramento.”, Raposo Botelho, *ob. cit.*, p.19.

com critério e tomar decisões adequadas. Importa igualmente que se compen-
trem da necessidade da exactidão d' esses relatórios e da sua importância no
êxito da batalha.

3.º É necessário preparar mais seriamente o soldado a tirar inteligentemente
partido do seu fogo e a fazer uso da própria iniciativa.

4.º A sorte do combate decide-se como anteriormente pela vitória no ponto
mais importante, concentrando nesta direcção forças superiores para o ataque.
Como outrora, emprega-se para este fim a reserva e o ataque à baioneta.

5.º O fogo conservou-se um meio de preparação.

6.º Na artilharia o sucesso mais completo resulta como anteriormente da
concentração do fogo. A técnica da arma só mudou o processo empregado para
chegar a esse resultado, renunciando hoje ao emprego das baterias em massa.

7.º A complicação dos preparatórios de combate exige que se dê grande
importância ao reconhecimento e á observação.

8.º O soldado e o material russo são esplendidos.

9.º Todos os princípios da arte militar foram de novo confirmados. Todas as
infracções a esses princípios, todos os improvisos foram punidos.

10.º Resulta d'aquí que a guerra mostrou a necessidade da instrução pre-
paratória dada aos oficiais de todos os graus." ⁴⁰

No essencial as concepções de Neznamov vão a favor da superioridade
da ofensiva sobre a defensiva, não valorizando suficientemente a importância
das novas armas e dos seus efeitos terrivelmente destrutivos sobre as massas
de infantaria, nem a relevância que as trincheiras, o arame farpado, os bunkers
e outros tipos de fortificação, têm no desenrolar das operações militares. As
grandes batalhas terrestres, desta guerra assistiram a grandes choques de mas-
sas de infantaria, mas submetidas à acção das metralhadoras, da artilharia, das
espingardas de repetição, associadas às fortificações de campanha. Os resultados
traduziram-se em grandes massacres, no qual as unidades de infantaria foram
quase aniquiladas. Nada disto parece modificar os dogmas militares, pois o fer-
vor patriótico e uma doutrinação e formação adequada dos soldados e oficiais
permitiria manter a ideia da ofensiva a todo o custo e, sobretudo de grandes
massas de infantaria disciplinadas e dominadas pelos oficiais, sem a liberdade
e autonomia dos pequenos grupos táticos de infantaria, cuja importância foi
revelada pela guerra anglo-boer. O medo da perda de controlo sobre as tropas
justifica em parte estas crenças e também o receio de cair num impasse total no
campo de batalha remetendo-se para a defensiva. Nem a experiência do cerco de
Port Arthur os levou a pensar num futura guerra de posições como acontecerá
na 1.ª Guerra Mundial na frente ocidental (1914-1918). Na verdade viram este
acontecimento decisivo como a pura e simples repetição dos velhos cercos do
passado com a utilização de fortificações fixas e artilharia pesada, obras de sapa

⁴⁰ Neznamov, coronel do estado-maior russo, "Ensinamentos da guerra russo-japonesa. Terceira
Parte. A táctica", *Revista Militar*, Setembro de 1906, N.º 9, Ano LVIII, p.895-896.



e ataques de infantaria.

No entanto, tornava-se impossível esconder a importância que as novas armas tinham, ou tiveram, nos combates em curso na guerra russo-japonesa, alterando muitas das tradicionais perspectivas sobre o seu emprego no campo de batalha. É o caso das metralhadoras que estavam a revolucionar os combates e cuja integração nas unidades de caçadores do exército português se esperava fosse realizada, em breve ao longo do ano de 1905⁴¹. Na continuidade das observações sobre o seu emprego em guerras anteriores, nos fins do século XIX e inícios do século XX, os combates no Extremo Oriente vêm confirmar a eficácia das metralhadoras no campo de batalha. E neste campo os japoneses parecem ser, sem dúvida os que melhor sabem tirar todo o rendimento desta arma, quer na ofensiva como na defensiva⁴².

Estas observações inserem-se, assim, num debate em Portugal sobre o emprego das metralhadoras no campo de batalha, a sua organização e a arma a que devem ser adstritas. A análise das operações militares no Extremo Oriente leva porém a uma certa moderação sobre as expectativas mais optimistas, recusando o seu emprego como substituto da artilharia de tiro rápido, devido ao seu alcance mais reduzido⁴³. Contudo, as perspectivas sobre a sua utilização positiva no exército português são realçadas pelo major J. Gil, que as procura sintetizar baseando-se num modelo do exército alemão:

“Existe em nós a convicção arreigada, firmada na logica irrefutável dos princípios, de que efectivamente à metralhadora está destinada uma missão de relativo valor, restringindo-se, porém, a sua acção a substituir principalmente a da infantaria em determinados casos e em especiais fases do combate, sempre

⁴¹ “Dentro em breve serão dotadas com o material próprio as secções de metralhadoras, criadas por decreto de 24 de dezembro de 1901, e adjuntas aos batalhões de caçadores do nosso exército. (...) Os combates do Yalú e as grandes batalhas de Liao-Yang, Cha-Ho e Mukden, nas quais os dois contendores empregaram as metralhadoras, bastante nos podem dizer de positivo sobre o assumpto, como depois veremos.

No cerco de Porto-Arthur também os japoneses fizeram largo uso desta arma.”, J. Gil, major d’ infantaria, “As Metralhadoras - I - Considerações gerais - A sua organização nos diferentes exércitos.”, *Revista Militar*, Maio de 1905, N.º5, Ano LVII, p.362-363.

⁴² “Os japoneses têm feito largo emprego das metralhadoras, na ofensiva, servindo-se também delas, com vantagem, na defesa de localidades. Foi empregado um grande número de metralhadoras na defesa das posições organizadas sobre o Cha-Ho.”, J. Gil, *ob. cit.*, *Revista Militar*, Maio de 1905, N.º 5, Ano LVII, p.369.

⁴³ “Tem-se manifestado, é certo, um notável desacordo no tocante à sua organização e grupamento em unidades de combate, qual a arma a que devem estar adstritas, e ainda no que respeita ao seu emprego no campo de batalha, levando alguns o seu radicalismo a considerarem até as metralhadoras como próprias para, em determinados casos, substituírem, com vantagem, a artilharia de tiro rápido; mas há absoluta harmonia e conformidade de vistas, enquanto à necessidade do seu emprego.”, J. Gil, *ob. cit.* *Revista Militar*, Maio de 1905, N.º 5, Ano LVII, p.363. E ainda, “Finalmente, não pôde a metralhadora, a mais de 2.000 metros responder ao fogo da artilharia, sendo evidentemente impotente, em tal caso, contra aquela arma. Vários exemplos nos fornece a campanha do Extremo-Oriente, para provar uma tal afirmação, que é quase axiomática.”, J. Gil, “As Metralhadoras - II - Seu valor e qualidades para o combate.”, *Revista Militar*, Fevereiro de 1906, N.º 2, Ano LVII, p.117.



que pelas necessidades da luta convenha obter uma grande convergência de efeito útil num determinado ponto e sobre um objectivo definido; e que essa mesma acção deverá, de preferência, ser utilizada contra aquela arma, e em menor escala, contra a cavalaria e a artilharia.

O seu valor provém, principalmente, da rapidez enorme do tiro, de necessitar para o seu funcionamento de um restrito pessoal, e de produzir uma massa de fogos equivalente à de uma importante fracção de infantaria ⁴⁴.

A valorização da metralhadora como “auxiliar” da arma de infantaria está implicitamente reconhecida nestas observações do major J. Gil e é confirmada, em outros artigos de outros autores sobre a guerra russo-japonesa, como a do capitão Pacheco Simões em artigo de 1907. Todavia é preciso considerar que ainda existe uma certa ambiguidade na compreensão do papel das metralhadoras, acabando muitas vezes por parecer mais um elemento adstrito, ou complementar, da infantaria e/ou da artilharia, do que um elemento plenamente associado à primeira destas armas:

“É um erro supor que as metralhadoras influíram na táctica moderna ou que poderão substituir o canhão ou a espingarda; não podem fazer mais do que reforçar o fogo da artilharia ou da infantaria durante certas fases do combate. É necessário precaver-nos contra a tendência geral de exagerar o poder da arma, assim como também se não deve aceitar a ideia de que o seu fogo exercerá um poderoso efeito moral sobre o inimigo, pois o mesmo se tem afirmado sempre a propósito de qualquer nova arma.”⁴⁵.

⁴⁴ J. Gil, *ob. cit.*, p.363-364. E também : “Em conclusão:

- 1.º O valor da metralhadora provém principalmente do seu suficiente alcance, da rapidez e justeza do seu tiro e ainda da grande economia de pessoal para o seu funcionamento;
- 2.º É muito superior á espingarda;
- 3.º Equivale, no seu efeito material, a dois pelotões duma companhia d’ infantaria mobilizada, e uma bateria, constituída por 6 destas máquinas, equivale a um batalhão;
- 4.º É duma grande inferioridade à peça de campanha, muito embora ofereça menor objectivo, seja mais leve, se transporte com mais facilidade, possa meter em bateria em todos os terrenos e ocupe uma frente mais restrita;
- 5.º É eminentemente própria para evitar que a artilharia tome posição, até determinadas distancias;
- 6.º Não pode, além de 2.000 metros, responder ao fogo da artilharia e sustentar-se sob a sua acção.”, J. Gil, “As Metralhadoras – II – Seu valor e qualidades para o combate.”, *Revista Militar*, Fevereiro de 1906, N.º 2, Ano LVII, p.117-118.

⁴⁵ “O emprego tactico das metralhadoras e a sua efficacia dependem da justa apreciação da importancia do effeito que pôdem produzir, attendendo ao consumo de munições necessario para alcançar esse effeito.”, Pacheco Simões, “Emprego tactico das metralhadoras com a infantaria. Tanto na offensiva como na defensiva”, *Revista Militar*, Setembro de 1907, N.º9, Ano LIX, p.644.